

SEÇÃO ARTIGOS

Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia

Anti-Racist Education and Media Education in Geography Teaching

Educación Antirracista y Educación Mediática en la Enseñanza de la Geografía

DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v10i23.61927>

 [Francyjonison Custodio do Nascimento](#)¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),
Rio Grande do Norte, Brasil
e-mail: jonisoncustodio@hotmail.com

Resumo

O ensino de Geografia, por meio do raciocínio geográfico, objetiva uma formação cidadã que possibilite um entendimento de mundo. O exercício da cidadania depende das demandas sociais que se impõe a cada época. Entre as demandas atuais, frisa-se aqui o mundo digital midiático e a luta antirracista. Urge, então, propor práticas educativas que formem os estudantes para tais demandas. Partindo desses pressupostos, este artigo apresenta um relato de educação antirracista e de educação midiática, a partir da perspectiva crítica do letramento digital, utilizando o *ChatGPT* para discutir as comunidades quilombolas e suas terras tradicionais. Assim, o artigo, além do relato de experiência, é composto por uma reflexão teórica que promove um diálogo entre referenciais do Ensino de Geografia, da educação antirracista e da educação midiática. Conclui-se que a prática educativa, numa postura interrogativa, auxilia um processo de aprendizagem significativa ao aprofundar o vocabulário geográfico, incitar a criatividade e a curiosidade científica e analisar como mídias digitais podem reproduzir o ideário racista.

Palavras-chave

Ensino de Geografia; Educação antirracista; Letramento digital; *ChatGPT*.

¹ Graduado em Licenciatura em Geografia (IFRN), especialista em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido (IFRN), mestre em Geografia (UFRN) e Doutor em Geografia (UFRN). Atualmente, integra o grupo de pesquisa Linguagens da cena: imagem, cultura e representação (UFRN) bem como é professor efetivo de Geografia da SEEC/RN.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

The teaching of Geography, through geographic reasoning, aims to provide citizenship training that enables an understanding of the world. The exercise of citizenship depends on the social demands that are imposed at each time. Among the current demands, the digital media world and the anti-racist fight are highlighted here. It is therefore urgent to propose educational practices that train students for such demands. Based on these assumptions, this article presents a report of anti-racist education and media education, from the critical perspective of digital literacy, using *ChatGPT* to discuss quilombola communities and their traditional lands. Thus, the article, in addition to the experience report, is composed of a theoretical reflection that promotes a dialogue between theoretical references of Geography Teaching, anti-racist education and media education. It is concluded that the practice, in an interrogative stance, assists a significant learning process by deepening geographic vocabulary, inciting creativity and scientific curiosity and analyzing how digital media can reproduce racist ideas.

Keywords

Geography teaching; Anti-racist education; Digital literacy; *ChatGPT*.

Resumen

La enseñanza de la Geografía, a través del razonamiento geográfico, tiene como objetivo proporcionar una formación ciudadana que posibilite la comprensión del mundo. El ejercicio de la ciudadanía depende de las demandas sociales que se imponen en cada momento. Entre las demandas actuales se destacan aquí el mundo de los medios digitales y la lucha antirracista. Por ello es urgente proponer prácticas educativas que capaciten a los estudiantes para tales demandas. Con base en estos supuestos, este artículo presenta un relato de la educación antirracista y la educación mediática, desde la perspectiva crítica de la alfabetización digital, utilizando *ChatGPT* para discutir las comunidades quilombolas y sus tierras tradicionales. Así, el artículo, además del relato de experiencia, se compone de una reflexión teórica que promueve un diálogo entre referentes teóricos de la Enseñanza de la Geografía, la educación antirracista y la educación mediática. Se concluye que la práctica educativa, en postura interrogativa, ayuda a un proceso de aprendizaje significativo al profundizar el vocabulario geográfico, incitar la creatividad y la curiosidad científica y analizar cómo los medios digitales pueden reproducir ideas racistas.

Palabras clave

Enseñanza de la Geografía; Educación antirracista; Alfabetización digital; *ChatGPT*.

Introdução

Há décadas que se discute as questões raciais no Brasil e, sobretudo a partir do século XX, a preocupação com a luta antirracista ganhou forças no cenário político brasileiro (Nascimento, 2019). De fato, seja na Academia ou nos movimentos sociais, as questões de cunho racial vêm ganhando relevo nos últimos anos.

Não à toa, Almeida (2020) nos alerta para a necessidade de refletir sobre o racismo e sua forma de se estruturar em toda a sociedade brasileira. Com efeito, pontua o autor brasileiro, é o racismo que fornece o sentido e a lógica para a reprodução social do país.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Daí a pertinência de incluir discussões a respeito do racismo e suas manifestações nas aulas de Geografia, posto que o ensino dessa disciplina é concebido como uma intervenção intencional nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, objetivando a construção do conhecimento (Cavalcanti, 2019). E projetos educativos emancipatórios em vista de uma educação antirracista no ensino de Geografia são imprescindíveis na formação cidadã (Santos, 2011).

De fato, para a desconstrução do racismo são necessárias ações antirracistas construídas pela educação, e o espaço escolar é um ambiente propício para este tipo de ação. Esse movimento também é vital no ensino de Geografia que, além de propiciar habilidades para compreender a dinâmica espacial da sociedade, visa também uma formação cidadã, fundada no entendimento de mundo, na contextualização e na reflexão crítica do espaço geográfico — abrangendo as questões étnico-raciais ao dar visibilidade a cultura e a história afro-brasileira (Callai, 2018; Anjos, 2020). Com efeito, a Geografia escolar não pode se furtar a esse debate, posto que é capaz de integrar os diversos conhecimentos para explicar o mundo, incluindo os conceitos de raça e classe social (Couto, 2020).

Muitas são as ações que possibilitam refletir, em sala de aula, sobre o racismo e suas estruturas. De fato, há vários relatos de práticas educativas exitosas que entrelaçam Geografia escolar e educação antirracista (De Sousa Filho; Serbu; Dias, 2018; Bastos, 2020; Lima, 2020; Mendes, 2021). Neste artigo, ao relatar uma prática educativa na Escola de Ensino Médio Integral Dom Nivaldo Monte, em Parnamirim, na região Metropolitana de Natal/RN, visa-se apresentar uma estratégia de letramento digital das chamadas Inteligências Artificiais (IA) em diálogos com as áreas supracitadas. O processo de letramento digital é vital em tempos de debates sobre o uso de IAs, principalmente no sentido de discutir se elas podem ser usadas em instituições escolares ou não. Este letramento, aliás, é parte de um projeto educacional mais amplo e faz parte de um processo de preparação para um júri simulado a respeito do mês da consciência negra que, articulado como uma metodologia ativa, torna-se uma estratégia de educação antirracista na educação geográfica ao descolonizar o currículo e considerar a diversidade como um ganho pedagógico.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O letramento digital é indispensável no contexto contemporâneo, posto que propicia pensar como as diversas mídias e tecnologias podem auxiliar na construção de raciocínios e na leitura da realidade atual — marcada também, entre outros aspectos, por discussões voltadas às questões étnico-raciais. Efetivamente, a tecnologia e as mídias digitais, em suas variadas singularidades, possuem uma dimensão fundamental no tempo presente, seja no âmbito da cultura, da sociabilidade, da política, das relações econômicas, entre tantas outras; e precisam ser discutidas no contexto escolar, na construção de uma educação midiática (Han, 2018; Buckingham, 2019).

Com efeito, a educação midiática precisa estar atenta às demandas sociais e às novas experiências culturais, principalmente as de comunicação, que emergem historicamente (Spinelli, 2021). Entre tais demandas, estão as questões étnico-raciais. De fato, pensar na história e na cultura afro-brasileira de forma positiva, sem preconceitos ou generalizações, é uma tarefa que demanda repensar as práticas educativas no contexto escolar. E o que se costuma chamar de inteligência artificial, como os assistentes virtuais e os aplicativos de geração de imagens e textos, além de fazer parte das novas demandas de comunicação, pode auxiliar na educação antirracista.

O artigo, então, busca apresentar uma proposta teórico-metodológica para a educação antirracista que passe também pela educação midiática, a partir do letramento digital vinculado à atividade de júri simulado. Para tanto, como um estudo de caso (Yin, 2010), este trabalho esboça uma construção teórica, entrelaçando educação antirracista, educação midiática e ensino de Geografia. Além disso, o artigo apresenta um relato de preparação para o júri simulado utilizando o *chatbot ChatGPT*. Como objetivo, a prática educativa buscava promover discussões sobre as terras quilombolas. Antes destes momentos de preparação, ocorreram várias aulas, contando com momentos expositivo-dialogados, leituras dinâmicas bem como a exibição e discussão de filmes documentários a respeito da história e cultura afro-brasileira.

Letramento digital, educação midiática e Ensino de Geografia

Na nossa compreensão, o letramento digital está intimamente ligado à educação midiática. Há, atualmente, um alargamento na discussão a respeito do que significa ser

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

alfabetizado diante das demandas da sociedade contemporânea (Spinelli, 2021). Partindo da concepção de que a alfabetizar implica promover a leitura da palavra e do mundo, a alfabetização midiática entra em cena quando o nosso mundo passou a ser interpretado, conscientemente, não só por textos escritos, mas também por imagens, vídeos, memes e outros tipos de mídias (Ferrari; Ochs; Machado, 2020). Essa noção expandida de alfabetização propiciou estudos voltados para compreender a cultura digital midiática e como se pode educar para tal cultura (Hobbs; Jensen, 2009).

Desse modo, assim como alguém alfabetizado é capaz tanto de usar uma língua como também de compreender seu funcionamento através de códigos e convenções, alguém midiaticamente alfabetizado é capaz de saber acessar e interpretar criticamente informações e não simplesmente realizar buscas ou acessar dados (Fimon, 2013). Assim sendo, a alfabetização midiática está relacionada não apenas a desenvolver habilidades técnicas, mas também ao estímulo de uma compreensão sistemática e reflexiva de como funciona o ambiente informacional e seus variados impactos na sociedade (Buckingham, 2007). Esses pressupostos promoveram uma aproximação entre letramento e mídia, contextualizados numa sociedade da informação e da comunicação, sendo esta última entendida como uma forma de organização social do mundo hodierno (Fantin, 2011).

Do ponto de vista conceitual, pode-se dizer que a educação midiática é “[...] o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e reflexiva do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos — dos impressos aos digitais.” (Ferrari; Ochs; Machado, 2020, p. 26). Dessa maneira, a abordagem da educação midiática está preocupada em promover algumas habilidades no alunado, tais como saber participar de maneira consciente, ética e responsável do ambiente informacional; saber ler e interpretar criticamente todos os tipos de mídia e as informações que nelas estão presentes; e saber utilizar corretamente as diversas ferramentas de comunicação (Buckingham, 2007).

A partir dessas compreensões, a educação midiática possui uma concepção ampla, contemplando tanto a alfabetização midiática como o letramento digital. Ao passo que a educação midiática, como já expresse, envolve várias habilidades midiáticas, incluindo a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

produção de mídia, a alfabetização midiática concentra-se na leitura e interpretação dos conteúdos midiáticos (Ferrari; Ochs; Machado, 2020).

É importante recordar, ainda, que a educação midiática se preocupa com termos culturais e políticos da mídia, mas não negligencia o aprendizado referente a tecnologias comunicacionais que dinamizam o ambiente informacional atual, como é o caso do *ChatGPT*.

Esta perspectiva da educação midiática dialoga profundamente com o ensino de Geografia que promove práticas educativas significativas, posto que estimulam o aluno a pesquisar, perguntar, responder, contextualizar, refletir, argumentar e explorar, como atesta Selbach (2014). Com efeito, nesta compreensão didática, no lugar de fornecer respostas, o professor é convidado a disponibilizar meios para que o alunado possa buscar as respostas (Nascimento, 2023). Tal movimento, aliás, promove um maior interesse em sala de aula, posto que está ligado ao mundo cultural digital, ao cotidiano e ao repertório cultural do alunado (Fimon, 2013).

Além disso, de acordo com Fantin (2011), a educação midiática pode ser dividida, de modo geral, em três modos possíveis de articulação. No primeiro, a mídia é entendida como objeto de estudo, isto é, compreendido como texto passível de leitura crítica. Seria a concepção de “educar para os meios”. No segundo, por sua vez, a mídia é perspectivada como um recurso didático. Já o terceiro modo, educar através dos meios, a mídia é compreendida como uma linguagem que possibilita expressões e produções de significado na educação. Como veremos na última seção, este trabalho opta por utilizar o segundo e o terceiro modo de articulação juntos, pensando como as informações obtidas por assistentes virtuais podem ser recursos didáticos ao expressarem informações de cunho geográfico.

Uma das atribuições da educação midiática, como já dito, é promover o letramento digital. Mesmo que haja uma confusão teórica a respeito disso, compreende-se aqui, assim como Ferrari, Ochs e Machado (2020), que ambos estão conectados, mas são distintos. O letramento digital compõe o simples conhecimento e utilização das tecnologias digitais, mas vai além deles. Na realidade, além de assegurar que o alunado aprenda a usar elementos tecnológicos, ele propicia uma reflexão profunda sobre estes mesmos elementos (Ferrari; Ochs; Machado, 2020). Desse modo, refletir sobre a utilização e as possíveis consequências — sejam

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

políticas, éticas ou socioeconômicas — é parte da construção dessa habilidade. Assim, o letramento digital requer competências para encontrar, selecionar e usar novas ferramentas e aplicativos à medida que as necessidades vão surgindo.

Na atualidade, sugere Rezende (2016), essas necessidades são pleitos sociais que implicam no imperativo de considerar a presença das tecnologias digitais nas atividades cotidianas e na consequente demanda de preparar o alunado a desenvolver tais competências para utilizá-las, levando em conta os seus impactos sociais e culturais. Com efeito, Silva e Behar (2019) chamam atenção para as competências digitais, um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para que o sujeito atue por meio das tecnologias, a fim de que esse sujeito seja digitalmente letrado, isto é, capaz de utilizar de maneira adequada as tecnologias, possibilitando a busca, o acesso, a organização e a utilização da informação, no intuito de construir conhecimento.

Letramento digital é, então, uma construção de fluência para escolher que ferramentas são úteis para o uso bem como para aprender a usar as ferramentas e dispositivos digitais. Envolve, portanto, um conjunto de competências necessárias para entender e utilizar a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e sempre compartilhados social e culturalmente (Freitas, 2010). Desse modo, para ser educado midiaticamente é preciso dominar linguagens e tecnologias. É justamente por isso que a educação midiática supõe o letramento midiático.

Tanto a educação midiática como o letramento midiático não são ações exclusivas de uma área do saber; eles podem ser desenvolvidos por qualquer disciplina escolar (Ferrari; Ochs; Machado, 2020). Efetivamente, o professor de Geografia não pode se abster disso e pode propiciar situações de aprendizagem que, privilegiando o pensamento espacial e o raciocínio geográfico, provoque também o desenvolvimento de competências midiáticas e digitais e, por consequência, do letramento digital. Em relação a isso, Selbach (2014) argumenta que ao optar pelo uso de tecnologia no ensino de Geografia, um recurso somente é útil quando manipulado por alguém que o conhece. Assim, é imprescindível ter definido o objetivo do uso da tecnologia bem como o “saber usar” — tecnicamente falando. Isto é, é preciso que professores e alunos sejam letrados digitalmente (Rezende, 2016).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Obviamente, há um desafio nesse ponto, já que a educação midiática, mesmo preconizada na BNCC e com vários avanços, ainda não é objeto de políticas públicas eficientes, como sustentam Jackiw e Haracemiv (2021). Assim, o letramento digital, entendido como parte da educação midiática, pode ser obliterado nas escolas por diversos motivos, desde a falta de formação continuada dos docentes e a situação precária das suas relações de trabalho até a ausência de estruturas físicas nas salas de aula brasileiras, o déficit educacional e as condições socioeconômicas do alunado.

O que se frisa aqui é a importância do letramento digital. Ele é ainda mais interessante no ensino de Geografia, posto que, nele, o professor é convidado a estimular, nos discentes, interações com novos códigos e linguagens que auxiliam na leitura geográfica do mundo (García Ríos, 2019). E, como já elucidado por Silva e Behar (2019), as novas tecnologias fazem parte dessa interação. Além disso, tal como a educação midiática, a educação geográfica também convida o alunado a promover uma utilização crítica de diferentes fontes de informação bem como a desenvolver pensamento crítico (García Ríos, 2019). Com efeito, o ensino de Geografia e a educação midiática, incluindo o letramento midiático, estão intimamente interligados (Nascimento, 2023). Assim, o professor de Geografia que, sob um viés crítico, estimula o uso das chamadas IA's como ferramenta de pesquisa e como instrumento de organização de ideias realiza aquilo que é fulcral no próprio ensino de Geografia: refletir geograficamente sobre o mundo.

Dessa forma, o papel do professor de Geografia é ajudar o alunado a ressignificar a informação no âmbito da relação que estabelece com a realidade, capacitando-o para reconstruir significados atribuídos à realidade (Selbach, 2014). Não se trata, portanto, de encher o aluno de informação, mas de possibilitar que ele conquiste uma nova maneira de ver a realidade por meio de tecnologias, que já fazem parte de seus conhecimentos prévios e de suas experiências — o que é fundamental tanto para a educação geográfica como para a educação midiática (Spinelli, 2021; Carneiro, 2022).

Ademais, o uso de computadores e *smartphones*, não obstante as diversas críticas, como serem catalisadores de dispersão e promotores de informações equivocadas, possui vantagens para o processo de ensino-aprendizagem significativo, quando utilizados da maneira correta,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

responsável. Com efeito, o uso de computadores e *smartphones*, de acordo com Selbach (2014), estimula o raciocínio lógico, a capacidade de tomada de decisão e o desenvolvimento de meios para apresentar ideias. É preciso, então, um uso crítico e criativo dessas ferramentas; afinal, a simples inclusão de tecnologias não garante uma aprendizagem significativa. É possível — e bem comum, infelizmente — reproduzir posturas de uma educação bancária utilizando *smartphones*, computadores e outros dispositivos (Freitas, 2010).

Assim, é cada vez mais urgente pensar no letramento digital, posto que, atualmente, há o aumento exorbitante de dados sob a estrutura *big data*, algoritmos de IA e a sua mais recente generalização, como alude Santaella (2023). Desse modo, o número de informações sobre a realidade é cada vez maior, assim como a combinação de dados promovidos pelos algoritmos de IA. Tais informações e combinações nem sempre são verdadeiras e uma postura crítica diante delas, como postula o letramento digital, é imprescindível. De fato, essas novas tecnologias não podem ser submetidas a uma educação que apenas repete e transmite acriticamente, submetendo o aluno a uma passividade. O letramento digital e educação midiática, que promovem o aluno a lugar de sujeito ativo do processo de aprendizagem, precisa ganhar espaço nas práticas educativas também por este motivo (Ferrari; Ochs; Machado, 2020).

Feitas essas considerações a respeito da educação midiática e do letramento digital em consonância com a educação geográfica, parte-se agora para uma discussão sobre a educação antirracista e como ela também é fundamental nos tempos hodiernos.

Educação antirracista: pressupostos e propostas

No Brasil, apesar da configuração populacional ser diversa e a contribuição das populações afro-brasileira ser marcante, o ensino da cultura e da história afro-brasileira, do ponto de vista legal, só se efetivou em 2003, com a publicação da chamada lei das africanidades, a Lei 10.639/03 — que foi alterada pela Lei 11.645/08, responsável por dar evidência aos indígenas nas relações étnico-raciais. Chama-se atenção que, mesmo com a obrigação legal, o ensino da cultura afro-brasileira ainda é incipiente e precisa de novas abordagens e de mais incentivos nas escolas brasileiras, como nos lembram Munanga (2010) e Couto (2023).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O que importa é que a lei garanta igual direito às histórias e às culturas que compõem a nação brasileira. De fato, ainda que a lei priorize atividades com a literatura e as artes bem como a disciplina de História, ela não restringe atividades voltadas para a discussão das relações étnico-raciais em outras disciplinas. Pelo contrário, sugere que os demais componentes do currículo escolar também trabalhem com estas questões (Brasil, 2006). Assim sendo, a educação geográfica não pode se furtar a esse convite — sobretudo se quiser responder ao chamado de ensinar em vista da cidadania (Callai, 2018).

Efetivamente, aceitar tal convite pressupõe aderir ao desafio de transformar a diversidade social numa vantagem pedagógica e a educação geográfica é vital nesse desafio, posto que, como assegura Carneiro (2002), é uma escola de tolerância, que prepara os alunos e os professores a serem cidadãos do mundo. Pressupõe também acolher a inserção de outras epistemologias bem como a prática que valorizem epistemologias que não sejam de origem eurocêntrica, cujos pilares são racistas e exploratórios (Mendes, 2021).

As mudanças na sociedade brasileira, consequências também da ação de movimentos sociais, como o movimento negro, promoveu uma reorganização de currículos e uma inclusão de parcelas da população outrora negligenciadas (Gomes, 2017). De fato, tal inclusão propicia que os conteúdos e abordagens fossem repensados devido à heterogeneidade das populações que passaram a ter acesso às escolas, provocando uma demanda por uma educação que tem a necessidade permanente de reconstrução de saberes históricos e pedagógicos (Tardif; Lessard, 2007). Não se pode mais, portanto, reproduzir pedagogias que referendem a ausência da população brasileira não-branca. Urge uma mudança radical no campo do conhecimento, mas também na teoria educacional e na escola, como sustenta Gomes (2017).

Ademais, é preciso pensar a escola como um ambiente de vivências, interações e trocas. Partindo disso, pode-se dizer que os diálogos que nela são estabelecidos — ou até mesmo ceifados — são de extrema importância para os processos de constituição e fortalecimento das relações étnico-raciais. Isso se notabiliza como mais importante ainda quando se vive numa sociedade marcada pelo racismo estrutural, conforme indica Almeida (2020), que subjuga corpos negros e pardos durante toda a história do Brasil. Mesmo com os avanços, advoga o autor brasileiro, essa estrutura racista ainda predomina e promove uma espécie de mal-estar,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

posto que os grupos dominantes não desejam abrir mãos dos privilégios construídos ao longo da história e tampouco os lugares sociais estabelecidos. Tudo isso, continua a comentar Almeida (2020), pavimentou uma fissura social entre negros e não negros no Brasil.

Desse modo, não faz sentido pensar que as relações étnico-raciais seriam de âmbito pessoal e/ou comportamental. Na realidade, trata-se de uma dimensão que estrutura as relações sociais no Brasil. É preciso salientar, aliás, que o sistema escolar brasileiro, incluindo a educação geográfica, por muito tempo perpetuou uma ideologia sociopolítica que, aliada a uma comunicação social, propagava a manutenção de uma estrutura classista e racista, distorcendo e limitando a população de matriz africana na sociedade brasileira (Gomes, 2017; Anjos, 2020).

Diante disso, essa situação precisa ser discutida na academia e trabalhada em sala de aula. É preciso pensar o racismo estrutural e institucional que violenta, subordina e invisibiliza a contribuição sociocultural e geográfica dos afrodescendentes para a construção do Brasil e de toda a América Latina (Couto, 2020). Uma das vias para que isso ocorra é refletir sobre a luta e a educação antirracista, como sugere Munanga (2010).

Com efeito, a educação antirracista é uma das grandes contribuições do fortalecimento da identidade e da cultura negra. Sem ela, o processo de invisibilização, da marginalização do povo negro e a normalidade do racismo estrutural continua implacavelmente. Para se opor a esse processo, o primeiro passo, conforme Gomes (2002, 2017), é aceitar que a reflexão sobre qualquer atividade educativa no campo das relações étnico-raciais só pode ser estabelecida no enfrentamento do mito da democracia racial e do racismo velado que existe na sociedade brasileira.

Assim, antes de qualquer atividade proposta, fica explícito que ela será eficaz somente se, de algum modo, forem levantadas questões a respeito da história afro-brasileira e suas consequências para a sociedade brasileira atual. O professor de Geografia, por exemplo, precisa construir uma pedagogia da diversidade e discutir, em sala, como fatos históricos, políticos, sociais e geográficos promovem as desigualdades raciais. Tudo isso no intuito de desnaturalizar as desigualdades raciais, descolonizar as mentes e os conteúdos escolares. Isto é, construir práticas educativas emancipatórias e antirracistas (Gomes, 2002).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

É necessário, então, um trato pedagógico de qualidade em relação à questão racial. E a escola é o locus propício para tal trato, conforme indica a autora:

A escola, como instituição responsável pela socialização do saber e do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, possui um papel importante na construção de representações positivas sobre o negro e demais grupos que vivem uma história de exclusão. Mais do que simplesmente apresentar aos alunos e às alunas dados sobre a situação de discriminação racial e sobre a realidade social, política e econômica da população negra, a escola deverá problematizar a questão racial (Gomes, 2002, p. 46).

Desse modo, a construção de práticas pedagógicas antirracistas deve partir de discussões fundamentadas e não partir do senso comum. Isto para que tais práticas não sejam confundidas, nem sempre inconscientemente, com um mero revanchismo, como já explicou Gonzalez (2020). Daí a pertinência de realizar um esforço de promover o conhecimento a respeito da diversidade étnica e cultural no Brasil bem como acentuar a importância de trabalhar temas que auxiliem na desconstrução de estereótipos e preconceitos fundamentados pelas heranças da colonialidade (Couto, 2023).

Urge, então, desfazer-se da “miopia”, para usar a expressão de Anjos (2020), a respeito da população afro-brasileira e estabelecer práticas que reconheçam na diversidade étnica uma vantagem pedagógica em prol do exercício da cidadania. Do mesmo modo, é necessário promover um pensamento que conceba “raça” como um conceito eminentemente geográfico, isto é, uma noção que se sustenta em leituras de ordem espacial e que incita a refletir sobre uma “geopolítica” das identidades e de suas percepções, outrora invisibilizadas (Santos, 2011). Trata-se da construção de uma geografia de lutas históricas do povo afro-brasileiro e das mais variadas questões geográficas que possuem um componente racial radical explícito. Em suma, é a instauração de uma perspectiva afrocentrada na produção do olhar sobre os fenômenos geográficos estudados. Uma perspectiva que critica o eurocentrismo e, assim, propõe o deslocamento do locus epistêmico-geográfico (Santos, 2023). É partir desses pressupostos que parte o relato da prática pedagógica fundada numa educação antirracista.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

Entrelaçando educação midiática e educação antirracista: um estudo de caso

Aliada aos pressupostos apresentados sobre educação midiática e educação antirracista, surge a oportunidade de promover na escola a atividade do júri simulado. Este último é, como o nome indica, um simulacro de júri e possui juiz, advogados de defesa, promotores, testemunhas, entre outras funções. Entendida, na compreensão de Tuna (2014), como metodologia ativa, a atividade tem o intuito de promover debates a respeito da cultura, da história e das relações territoriais dos afro-brasileiros. Para a realização do debate, foi necessário que o professor, enquanto mediador do conhecimento, munisse os alunos de referências midiáticas e bibliográficas a respeito da história e cultura afro-brasileira. É importante destacar que alunado é formado por estudantes do Ensino Médio de uma escola pública que, anualmente, promove o júri simulado com temas diversos.

Desse modo, o professor também se coloca como um “curador”, alguém que auxilia na seleção de conteúdos e referências ao passo que os alunos são convocados a participar ativamente do processo de construção do conhecimento relacionado à diversidade étnica e cultural no Brasil. Esse movimento é importante por dois motivos: a) porque a docência como curadoria é um dos aspectos vigorosos de uma educação que não é centrada na figura do professor; b) porque as mais novas concepções de aprendizagem significativa colocam o aluno como sujeito ativo do processo e é exatamente isso que o júri e sua preparação possibilitam (Selbach, 2014; Cortella; Dimenstein, 2015). Assim, para auxiliar na constituição do conhecimento dos alunos, capítulos de livros como *Bantos, malês e identidade negra* de Nei Lopes e *A África e os africanos na História e nos mitos* de Alberto da Costa e Silva, além de documentários como *Guerras do Brasil: Guerra de Palmares*, *Rosário Negro* e *Allah, Oxallá: na trilha malê* foram utilizados, a fim de serem base na construção de argumentos do júri.

Este passo propicia aquilo que Gomes (2002) chamou de problematizar a questão racial, já que possibilitou ao alunado conhecer parte da história do Brasil que muitos desconheciam, pois, durante séculos, a cultura e a história afro-brasileira foram invisibilizadas (Anjos, 2020). Como já dito, o acesso a esses conteúdos foram parte da construção de argumentos desenvolvidos para o júri simulado. Este último foi criado para discutir as terras tradicionais do

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

povo quilombola, tema que os alunos consideraram pertinente discutir no mês da consciência negra. Assim, no júri simulado, ao passo que os promotores advogavam pelo fim das terras quilombolas, os advogados defendiam sua manutenção. Os jurados ficaram responsáveis por definir o vencedor do debate, enquanto o juiz ficaria encarregado de conduzir o debate.

Para a construção do júri, além dos referenciais midiáticos e bibliográficos que asseguravam uma prática antirracista no que diz respeito a problematização da questão racial, os alunos contaram com o auxílio do *ChatGPT*, um assistente virtual do laboratório de pesquisa de inteligência artificial *OpenAI*. Ele foi escolhido para esta atividade por existir uma discussão a respeito de seu uso na área de ensino e também porque, na própria escola, foi registrado seu uso indevido (Almeida, 2023; Rodrigues; Rodrigues, 2023). Com efeito, há registros de alunos que usam o *ChatGPT* como ferramenta de busca e apenas copiam o seu conteúdo, e este fato abriu uma reflexão sobre autoria ao promover a indagação se copiar de um assistente virtual configuraria ou não um plágio (Rodrigues; Rodrigues, 2023).

Partindo disso, na prática educativa aqui relatada, numa atividade de letramento digital e educação midiática, os alunos foram estimulados a utilizar o *ChatGPT* sob uma outra lógica — não como uma ferramenta que já apresenta informações incontestes e prontas, acabadas. Optou-se por uma leitura crítica do assistente, assim como sugere a educação midiática. Isso se faz pertinente porque, como explica Santaella (2023), se outrora as IAs eram alimentadas por especialistas, agora elas tomam decisões com base nas informações que recebem e são alimentadas por dados da internet, os quais podem ser incondizentes com a realidade ou alterados. É importante salientar que, segundo a autora brasileira, as respostas do *ChatGPT* são uma combinação de textos baseada em ocorrências estatísticas de palavras e frases. Então, não há produção de nada realmente novo; apenas novas combinações sendo feitas.

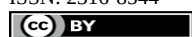
Não obstante a isso, é preciso reconhecer que elas fazem parte do mundo cultural do aluno e, assim como outros objetos e fenômenos do cotidiano, não podem ser negligenciadas nos processos educativos, caso se queira promover uma aprendizagem significativa (Selbach, 2014). É inconcebível voltar as costas para elas, portanto. Mas como usá-las? É neste ponto que o letramento digital é pertinente. Com efeito, os algoritmos presentes no assistente *ChatGPT* têm a potencialidade de criar respostas automatizadas baseadas em padrões

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

estatísticos. Isso propicia encontrar tendências relevantes em suas respostas (Santaella, 2023). Diante disso é que os usuários — os alunos, no caso — podem e devem analisar criticamente as informações.

Na preparação para o júri simulado, então, foram realizadas em sala de aula muitas perguntas para o *ChatGPT*. Todas elas diziam respeito a argumentos sobre a manutenção ou não das terras quilombolas no Brasil. O intuito era munir os alunos de argumentos bem como aumentar o vocabulário deles a respeito da temática. De fato, de acordo com Selbach (2014), é necessário um vocabulário geográfico para pensar geograficamente. Castellar e De Paula (2020) são da mesma opinião e sustentam que o estimular o estudante a argumentar com consistência por meio do vocabulário geográfico promove o raciocínio geográfico, o que aprofundará os sentidos dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Nesta tarefa, outro aspecto fundamental é o saber perguntar, posto que, na educação midiática, há uma promoção de uma postura interrogativa (Fimon, 2013). Desse modo, há uma valorização da ação e do pensamento dos alunos, que já não são perspectivados como passivos, meros receptores das mensagens do professor, que, por sua vez, não é mais concebido como único ser capaz de interpretar os sentidos e discursos midiáticos na sala de aula.

Antes de iniciar o uso do *ChatGPT*, o professor explicou brevemente do que ele se trata. A maioria dos alunos já tinham usado o assistente virtual, mas tinham uma concepção errônea sobre ele, entendendo-o como um site de pesquisa ou uma espécie de oráculo que tudo sabe. Desmistificar essa concepção foi vital no processo de letramento, posto que é impossível usar uma tecnologia e refletir criticamente sobre seu uso sem a devida compreensão da própria tecnologia. Assim, o primeiro passo do letramento é fazer o aluno compreender a tecnologia e como ela pode auxiliar nas mais diversas situações, incluindo a vida escolar. Após isso, auxiliados pelo professor, os alunos propuseram várias perguntas ao assistente virtual. Abaixo, segue um quadro que resume as perguntas e as respostas do *ChatGPT*.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Quadro 1 – Síntese das perguntas realizadas pelos alunos com auxílio do professor e respostas dadas pelo *ChatGPT*.

Perguntas	Respostas
Que argumentos podem ser utilizados a favor da manutenção das terras quilombolas?	1) As comunidades quilombolas têm direito à terra de acordo com a Constituição brasileira. 2) As terras quilombolas são locais onde as tradições, a cultura e a história dos descendentes de africanos escravizados no Brasil são mantidas vivas. 3) A manutenção dessas terras pode contribuir para a conservação da biodiversidade e dos recursos naturais. 4) A manutenção das terras quilombolas permite que as comunidades tenham autonomia para tomar decisões sobre seu próprio desenvolvimento, respeitando suas tradições, valores e formas de organização social. 5) A garantia de terras quilombolas é uma forma de combater essas desigualdades e promover a justiça social.
Que argumentos podem ser contra a manutenção das terras quilombolas?	1) A manutenção dessas terras prejudica o desenvolvimento econômico da região ou impede o uso mais eficiente da terra para fins comerciais. 2) A demarcação e titulação das terras quilombolas podem gerar insegurança jurídica para outros usuários da terra na região, especialmente proprietários rurais. 3) A manutenção das terras quilombolas pode restringir o acesso a recursos naturais. 4) Os critérios para a identificação e titulação de terras como quilombolas são questionáveis.
Que argumentos baseados na constituição podem ser utilizados a favor da manutenção das terras quilombolas?	1) Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT): reconhece expressamente o direito das comunidades remanescentes de quilombos à propriedade definitiva de suas terras; 2)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
 NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.
 Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.
 ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

	Direito à Igualdade (Artigo 3º, IV e Artigo 5º, caput): A garantia do direito à terra para essas comunidades contribui para corrigir históricas desigualdades e discriminações sofridas ao longo dos anos; 3) Direitos Indígenas e Comunidades Tradicionais (Artigo 231 e Artigo 232): Embora as comunidades quilombolas não sejam diretamente mencionadas nesses artigos, eles estabelecem os direitos territoriais das populações indígenas e outras comunidades tradicionais; 4) Direitos Culturais (Artigo 215): A manutenção das terras quilombolas é essencial para preservar as tradições, práticas culturais e identidade dessas comunidades.
Que argumentos baseados na constituição podem ser contra a manutenção das terras quilombolas?	1) Princípio da Função Social da Propriedade (Art. 5º, XXIII e Art. 170, III): Alguns poderiam argumentar que as terras quilombolas, ao serem mantidas exclusivamente por essas comunidades, não cumprem adequadamente a função social da propriedade; 2) Igualdade e Não Discriminação (Art. 3º, IV e Art. 5º): Alguns críticos podem alegar que a concessão de direitos de propriedade específicos para comunidades quilombolas viola o princípio da igualdade perante a lei; 3) Direito à Propriedade (Art. 5º, XXII): Alguns podem argumentar que a titulação das terras para comunidades quilombolas implica em uma restrição ao direito à propriedade de outros indivíduos.

Fonte: Autoria do próprio autor a partir da coleta de dados do *ChatGPT* (2024).

É preciso salientar que outras perguntas foram feitas, mas, por questão de método, optou-se por trazer apenas essas para a discussão. Nota-se a necessidade de um olhar crítico

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francijonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**.

Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

para as respostas, não só pelo já exposto a respeito do funcionamento do *ChatGPT*, mas também porque é evidente que o assistente responde a partir do senso comum, posto que recebe informações sem critérios, ou até mesmo de forma contraditória, como usar o mesmo artigo para apresentar argumentos tanto a favor como contrários a manutenção das terras quilombolas. É preciso, então, junto aos alunos, desenvolver um olhar crítico a estas respostas, filtrando o que é factual e coerente à luz dos conteúdos trabalhados em sala de aula ou até mesmo a partir de informações dadas pelo assistente virtual, como a Constituição Federal. Para tanto, é preciso desenvolver uma postura interrogativa das informações, como propõe a educação midiática (Buckingham, 2007; Fimon, 2013).

No ensino de Geografia, essa postura também é essencial. Saber perguntar é parte do caminho para se chegar num processo de ensino-aprendizagem significativo (Castellar; De Paula, 2020). Com efeito, as perguntas ganham centralidade nas práticas pedagógicas da Geografia escolar. Afinal,

[a] análise precede a crítica e, para fazer uma boa análise, deve-se fazer boas perguntas. Formular indagações sobre um objeto envolve tanto a complexidade ontológica, do universo do sujeito que olha, quanto a complexidade epistemológica, do universo do objeto científico que é olhado. As perguntas devem mobilizar a ação e o potencial de transformação, devem instigar, suscitar a criatividade e a criticidade e, ao mesmo tempo, garantir ao sujeito a possibilidade de sair de um nível de conhecimento e chegar a outro nível de conhecimento (Castellar; De Paula, 2020, p. 308).

Dessa maneira, a grande questão está em saber formular as perguntas adequadas, conforme apontam Castellar e De Paula (2020) bem como Ferrari, Ochs e Machado (2020). Desse modo, como elucidado no Quadro 1, a partir das perguntas realizadas, o *ChatGPT* disponibilizou respostas que provocam o desenvolvimento e a utilização do vocabulário geográfico dos alunos. Termos como “terra”, “região”, “biodiversidade”, “recursos naturais”, que são próprios da Geografia escolar, foram convocados para estabelecer significados a respeito de realidades geográficas e foram objetos de discussão em sala de aula, sempre os correlacionando com o tema das comunidades quilombolas.

Outros termos citados pelo assistente, como “direitos territoriais”, não eram conhecidos pelo alunado durante a sua trajetória escolar, mas, por dialogar com o conceito de território, foi

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

também pesquisado em outras fontes, como artigos científicos, e problematizado em sala de aula.

Durante o processo de letramento, também se analisou termos que, mesmo não sendo expressamente iguais aos conceitos geográficos, fazem alusão a relações de apropriação simbólicas da terra, a territorialidade, pensada como um espaço umbilicalmente associado a cultura e a tradição. Utilizar esta concepção é usar o cabedal dos conceitos geográficos no ensino de Geografia. Esse movimento também é pertinente, pois a opção por ensinar Geografia por meio de seus conceitos estruturantes é antiga e já rendeu bons resultados (Cavalcanti, 1998). Assim, o processo de letramento digital ajudou na construção dos conceitos geográficos e na expansão do vocabulário geográfico dos alunos.

Ademais, como já dito, para argumentos contrários, o *ChatGPT* usou, por vezes, o mesmo artigo da Constituição Federal, demonstrando a necessidade de um olhar crítico por parte do usuário. Como um assistente virtual que organiza textualmente ideias e argumentações já estabelecidas e já divulgadas na internet, o *ChatGPT* reproduziu mentalidades racistas e classicistas, tais como as ideias de que a existência de terras quilombolas vão de encontro a função social da terra e de que a demarcação e a titulação das terras quilombolas podem gerar insegurança jurídica. Compreender que tais tecnologias midiáticas não estão imunes a preconceitos e, mais do que isso, podem reproduzir ideias que perpetuem o imaginário racista é também uma prática emancipatória, pois auxilia a identificar e se opor ao modelo destruidor-dispersivo brasileiro que insiste em desinformar a população no que se refere a cultura afro-brasileira, seus direitos e garantias de políticas reparatórias (Anjos, 2020).

Outra ideia racista veiculada e identificada pelos estudantes foi que a demarcação de terras quilombolas seria uma prática que feriria o direito à propriedade privada e o princípio da igualdade perante a legislação brasileira, sendo até mesmo uma lei discriminatória. Essas informações foram consideradas pelos estudantes como parte do processo de racismo insidioso na sociedade brasileira e até mesmo o grupo de estudantes responsável por argumentar contra a manutenção de terras quilombolas no júri simulado se recusou a utilizá-las, por não serem consideradas eficazes durante o processo de argumentação. Essa veiculação de ideias e estereótipos racistas por meio de inteligências artificiais já é estudada com afinco e é

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

denominada de “racismo algorítmico” por Silva (2022) e “olhar codificado” por Joy Buolamwini (2022). Esta última, aliás, descreve as formas como a discriminação sistemática e outros danos são incorporados em sistemas algorítmicos a partir de conceitos advindos da epistemologia feminista negra e das teorias interseccionais, fazendo o campo das humanidades dialogar com o da tecnologia.

Com efeito, num mundo de contexto sociotécnico desigual e cada vez menos inclusivo, a ideia de uma tecnologia neutra ou opaca se desvanece. De fato, confirmando a concepção de Silva (2022), é possível perceber como sistemas algorítmicos reproduzem compreensões preconceituosas e, por isso, podem justificar ataques à diversidade e a grupos raciais específicos — que o autor chama de microagressões algorítmicas. Afinal, o mundo algorítmico não ocorre em separado do mundo social e de suas problemáticas, mas também reproduz as hierarquias racistas que controlam representações e ideários coloniais e/ou de branquitude.

Percebe-se, com o exposto, que o simples acesso a dados por meio do *ChatGPT* não configura a construção do conhecimento a respeito da história e da cultura afro-brasileira e que tais informações necessitam ser verificadas e, mais do que isso, analisadas à luz dos conhecimentos produzidos historicamente. O letramento digital, aliado aos princípios da educação antirracista, proporcionou que os alunos olhassem as respostas com uma saudável desconfiança — a chamada postura interrogativa e investigativa de Fimon (2013) — e chegassem até a desconsiderá-las após descobrirem que não tinham respaldo constitucional ou à luz de fontes bibliográficas. Evidenciou-se, portanto, a necessidade de um letramento digital para além de uma concepção instrumental. Isto é, que vá além da instrução técnica sobre a tecnologia, mas que promova uma reflexão sobre tal uso.

Usar o *ChatGPT* também foi interessante porque o professor auxiliou o alunado a pensar por si mesmo e cooperou na organização do pensamento espacial e do raciocínio geográfico de cada um, ajudando-o a construir suas próprias razões, argumentos e críticas das informações recebidas. Dessa forma, usar o letramento digital em relação ao referido assistente virtual promoveu também momentos de criatividade e de curiosidade científica, como busca de conceitos desconhecidos ou aprofundamento de conceitos já conhecidos, o que favorece

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

potenciais práticas geográficas em vista de formação cidadã, de acordo com Castellar e De Paula (2020).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Considerações Finais

O artigo apresenta e discute uma prática pedagógica da educação geográfica que busca a formação para a cidadania. Na contemporaneidade, pensar em cidadania significa, entre outras coisas, formar para o mundo das mídias digitais e para posturas antirracistas. O ensino de Geografia, como vimos, tem muito a contribuir nesses dois aspectos e trabalhar-los em unidade se mostrou uma via instigante e reflexiva, ao promover um olhar interrogativo sobre as informações — que podem ser contrárias às lutas antirracistas e perpetuar o mito da democracia racial. Daí a pertinência de analisar tais informações com o aluno ao problematizar as questões étnico-raciais.

É interessante notar que a preparação, via letramento digital, para o júri simulado não alterou apenas perspectivas dos alunos, mas também contou com professores da instituição, que acompanharam o processo de letramento. Isso é fundamental, pois, numa formação em prol da cidadania e da educação antirracista, não só alunos, mas também os docentes são chamados a assumir novas posturas, aderir a novas epistemologias e novas pedagogias.

Além disso, foi constatado que as discussões a respeito das terras quilombolas e o desenvolvimento do vocabulário geográfico permitem não só a construção de conhecimentos de cunho geográfico, mas também garantem que tais conhecimentos visem a cidadania, posto que diz respeito às garantias de políticas públicas reparatórias do Estado brasileiro que fundamentam os direitos individuais e coletivos de parte da população excluída.

Dessa forma, compreender que informações contidas e divulgadas na internet, inclusive de tecnologias consideradas de “última geração”, podem divulgar ideias racistas e classicistas é fundamental para o letramento digital e para a educação midiática em consonância com uma educação antirracista, principalmente se o letramento digital for entendido a partir de uma perspectiva crítica e não meramente instrumental, dissolvendo a compreensão de que o acesso a tecnologias basta para desenvolver o pensamento.

Outro ponto a ser considerado é que unir letramento digital e uma educação antirracista pode também ser preâmbulo de novas e estimulantes discussões sobre o letramento racial, que intenta promover um embate ao racismo na escola e em toda sociedade por meio de leitura de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custódio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

mundo. Este artigo pode ser um caminho para pensar esses múltiplos letramentos e auxiliar no enfrentamento do racismo insidioso que a sociedade brasileira ainda insiste em reproduzir, inclusive de maneira digital.

Sabendo que preparar para um mundo alfabetizado digitalmente e antirracista é um esforço hercúleo, que precisa ser contínuo e coerente, o empenho desse artigo é apenas um pequeno passo. Contudo, grandes jornadas são realizadas assim: de pequenos esforços, de pequenos passos. É um caminho longo que se insinua no horizonte. Num mundo complexo como o atual, esses movimentos precisam estar cada vez mais entrelaçados para constituir uma formação cidadã. Este é o desafio que a educação geográfica abraçou. Para concretizá-lo, é preciso continuar caminhando. Que os professores de Geografia assumam este desafio de se educarem e educarem os alunos midiaticamente numa perspectiva antirracista. Do mesmo modo, é necessário que o Estado brasileiro forneça capacitação e estruturas adequadas para este fim.

Referências

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020. 256p.

ALMEIDA, R. Imaginário tecnológico e inteligências artificiais: o ChatGPT na educação. **Revista de Graduação da USP**, v. 7, p. 7-14, 2023.

ANJOS, R. S. A. Geografia afro-brasileira, ou mentalidade colonial e governança racista. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 104, p. 23-60, 2020.

BASTOS, M. N. P. Cartografia Escolar e Educação Antirracista. **Revista Educação Geográfica em Foco**, v. 4, n. 7, p. 1-15, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientação e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BUCKINGHAM, D. **Media education: literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge/Malden: Polity Press, 2007. 219p.

BUOLAMWINI, J. **Facing the coded gaze with evocative audits and algorithmic audits**. 200f. (Doutorado em Filosofia) – Artes e Ciências da Mídia. Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 2022.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

CALLAI, H. C. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, v. 70, p. 9-30, 2018.

CARNEIRO, R. N. Didáticas da Geografia: de agir instrumental para agir comunicativo. **Caderno de Geografia**, v. 32, p. 456-480, 2022.

CASTELLAR, S. M. V.; DE PAULA, I. R. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 294-322, 2020.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998. 192p.

CAVALCANTI, L.S. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. 232p.

CORTELLA, M. S.; DIMENSTEIN, G. **A era da curadoria**: o que importa é saber o que importa. Campinas: Papirus, 2015. 128p.

COUTO, A. C. O. A questão racial e a geografia escolar crítica: caminhos para uma educação antirracista. **Revista GeoSertões**, v. 5, n. 10, p. 207-225, 2020.

DE SOUSA FILHO, Hudson N.; SERBU, Radu A.; DIAS, Reges S. Educação antirracista no ensino de Geografia: perspectivas da diversidade relacional no território a partir do Estágio investigativo. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 7, n. 13, p. 68-89, 2018.

FANTIN, M. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor** (UEPG. Impresso), v. 14, p. 27-40, 2011.

FERRARI, A. C., OCHS, Mariana, MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. 161p.

FIMON, D. M. O ensino no mundo midiático: construindo uma caixa de ferramentas. **Líbero**, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 17-26, 2013.

FREITAS, M. T. A. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista** (UFMG. Impresso), v. 26, p. 335-352, 2010.

GARCÍA RÍOS, D. J. Estrategias didácticas en Geografía. **Revista Geográfica Digital**, v. 16, n. 32, p. 2-14. 2019.

GOMES, N. L. Educação e identidade negra. **Aletria**, v. 9, p. 38-47, 2002.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francijonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017. 160p.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376p.

HOBBS, R.; JENSEN, A. The past, present, and future of media literacy education. **Journal of Media Literacy Education**, n. 1, p. 1-11, 2009.

JACKIW, E.; HARACEMIV, S. C.. Educomunicação e alfabetização midiática: diálogos freireanos na América Latina. **Práxis Educativa**, v. 16, p. 1-21, 2021.

LIMA, I. Uma geografia emocional antirracista em sala de aula. **Giramundo**, v.7, n. 14, p. 13 - 28, 2020.

MENDES, R. A. Vozes e Escritas africanas no Ensino de Geografia: possibilidades em torno da Literatura de Chimamanda Ngozi Adichie. In: R. F.; J. S. M.; S. J. D. R. (Org.). **Ensino de Geografia da África**: caminhos e possibilidades para uma educação antirracista. 1ed. Quissamã - RJ: Revista África e Africanidades, 2021, p. 97-108.

MUNANGA, K. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, n. 12, p. 169-203, 2010.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Perspectiva, 2019. 392p.

NASCIMENTO, F. C. Imageando os refugiados de lá e os refúgios daqui: uma proposta para o ensino de Geografia a partir da educação midiática. **Geoconexões**, v. 1, n. 15, p. 157-175, 2023.

REZENDE, M. V. O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas. **Texto Livre**, v. 9, p. 94-107, 2016.

RODRIGUES, O. S.; RODRIGUES, K. S. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. **Texto Livre**, v. 16, p. 1-11, 2023

SANTAELLA, L. **Humanos hiper-híbridos**: linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021. 214p.

SANTAELLA, L. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Almedina, 2023. 178p.

SANTOS, R. E. A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: construindo uma agenda de pesquisa-ação. **Revista Tamoios**, v. 7, n. 1, p. 4 -24, 2011.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

SANTOS, R. E. Vinte anos da Lei 10.639: quais os desafios para o ensino de Geografia?. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, p. 14-31, 2023.

SELBACH, S. **Geografia e didática**. Petrópolis: Vozes, 2014. 152p.

SILVA, K.; BEHAR, P. Competências digitais na educação: uma discussão acerca do conceito. **Educação em Revista** (UFMG. IMPRESSO), v. 35, p. 1-32, 2019.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022. 170p.

SPINELLI, E. M. Comunicação, Consumo e Educação: alfabetização midiática para cidadania. **Intercom (São Paulo. Online)**, v. 44, p. 127-143, 2021.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2007. 320p.

TUNA, F. Students' perspectives on active learning in Geography: a case study of level of interest and usage in Turkey. **European Journal of Educational Studies**, v. 4, n. 2, p. 163-175, 2012.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010. 320p.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Francijonison Custódio do. Educação Antirracista e Educação Midiática no Ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102324, 2025.

Submissão em: 11/02/2024. Aceito em: 11/12/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons